

## SIMPÓSIO AT018

### O TEMPO NA CONCORDÂNCIA VERBAL

**OLIVEIRA**, Sara Maria Ferreira de  
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco  
[smfsara@hotmail.com](mailto:smfsara@hotmail.com)

**BARROS**, Isabela Barbosa do Rêgo  
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco  
[isabela.barros@unicap.br](mailto:isabela.barros@unicap.br)

#### Resumo

A concordância verbal não deve ser analisada apenas em termos de suas relações internas na gramática, mas, enquanto fenômeno linguístico, como parte de um contexto sociocultural mais amplo (MONTE, 2007). Entendemos que a concordância verbal é marcada pela subjetividade na linguagem, porque o indivíduo, na interação locutor/locutor, deixa sua marca pessoal, que é definida pelo contexto do ato comunicativo, exposta nas palavras ou expressões linguísticas e no modo como utiliza o tempo na concordância verbal. A marca cultural do sujeito, o espaço, o tempo e a pessoa definirão as palavras que o falante utilizará. O objetivo deste trabalho é discutir a relação do tempo na concordância verbal escrita, a partir da teoria enunciativa de Benveniste (2005; 2006) que diz que o tempo é uma categoria subordinada à categoria de pessoa. Utilizamos como instrumento a análise das produções escritas do gênero textual dissertação escolar, de quatro estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA, do nível IV, de uma escola da rede pública do município de Olinda, do Estado de Pernambuco. Concluímos que o modo como o tempo é empregado na concordância verbal e os seus desvios são efeitos do funcionamento linguístico, ou seja, são marcas da subjetividade e da singularidade durante o percurso do estudante na aquisição da linguagem escrita e as várias transgressões aos padrões gramaticais e ortográficos da língua, cometidos pelos estudantes que as escreveram, podem ser concebidas como resultado do movimento singular do sujeito na linguagem.

**Palavras-chave:** Concordância verbal; Subjetividade na linguagem; O tempo na concordância verbal.

**Abstract:**

Verbal agreement, sociocultural linguistic phenomenon, should not be analyzed only in terms of its internal relations in grammar, but as part of a wider sociocultural context (MONTE, 2007). We understand that verbal agreement is marked by subjectivity in language, because the individual, in the speaker / speaker interaction, leaves his personal mark, which is defined by the context of the communicative act, exposed in language words or expressions and in the way he uses time in verbal agreement. The cultural mark of the subject, the space, the time and the person will define the words that the speaker will use. The purpose of this paper is to discuss the relationship of time in written verbal agreement, based on Benveniste's (2005; 2006) enunciative theory that time is a category subordinated to the category of person. We used as an instrument the analysis of the written productions of the textual genre school dissertation, of four students of the Education of Young and Adults - EJA, level IV, of a public school in the city of Olinda, State of Pernambuco. We conclude that the way time is used in verbal agreement and its deviations are effects of linguistic functioning, that is, they are marks of subjectivity and singularity during the course of the student in the acquisition of written language and the various transgressions to the grammatical and orthographies of the language, committed by the students who wrote them, can be conceived as a result of the singular movement of the subject.

**Keywords:** Verbal agreement; Subjectivity in language; Time in verbal agreement.

## **Introdução**

A necessidade do entendimento dos processos envolvidos na comunicação humana e a hipótese de que a subjetividade na linguagem está marcada na forma como os verbos e a concordância verbal são utilizados popularmente, nos levou à busca de uma compreensão dos aspectos discursivos enunciativos e sua relação com a norma padrão escrita, para investigar como a subjetividade está implicada no emprego do tempo verbal, em produções escritas da Língua Portuguesa.

De acordo com Benveniste (2006, p. 83), “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso”, o que nos leva a considerar que o

emprego da concordância verbal, mesmo que contrário aos padrões da gramática normativa da Língua Portuguesa (LP), remete à enunciação do sujeito na linguagem.

Este aspecto foi o principal norteador das discussões sobre o tema deste trabalho, por tratar da conversão da língua em discurso e da semantização da língua, momento no qual pode ocorrer a incidência da não concordância verbal, motivada pela subjetividade na linguagem, quando o sujeito se coloca como o *eu* na enunciação, deixando suas marcas pessoais no discurso.

A subjetividade, para Benveniste (2005), é a capacidade do locutor se propor como sujeito e define-se como marcas específicas da categoria de pessoa no sistema linguístico. Segundo Flores (2009), é essa noção de subjetividade que possibilita Benveniste à elaboração de análises linguísticas relacionadas à categoria de pessoa, o que inclui os tempos verbais, e, em nossa perspectiva, propicia a elaboração de uma análise dos verbos e do tempo na concordância verbal.

O domínio da subjetividade se amplia com a expressão da temporalidade e em toda língua encontra-se a noção de tempo. Noção esta, que pode ser marcada por um verbo, ou por outras palavras de outras classes gramaticais como partículas, advérbios, variações lexicais e etc.

Silva (2015) observou que a escrita do aprendiz é marcada pela subjetividade e pela singularidade. O sujeito falante se reconhece em relação ao outro, marcando na sua escrita o sujeito que enuncia, o interlocutor, a temática, a finalidade, o tempo e espaço da enunciação.

De acordo com Benveniste (2006, p. 90), “a escrita se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ela faz os indivíduos se enunciarem”. Não há enunciação escrita sem locutor e a enunciação é sempre referida àquele que enuncia o locutor, independentemente do plano em que ele enuncia (FLORES, 2018).

Endruweit (2010) analisando a enunciação escrita trata à escrita como um acontecimento enunciativo que, como toda enunciação, é cada vez única e irrepetível e a toma pela sua enunciação, não pelo seu enunciado.

## 2. Gramática normativa, enunciação e concordância verbal

As primeiras gramáticas, em Língua Portuguesa, foram escritas em 1536 e 1540. Em 1536, Fernão de Oliveira, escreveu a Gramática da linguagem portuguesa e, em 1540, João de Barros escreveu a Gramática da língua portuguesa. E Com o objetivo de formar os fidalgos, para a vida social e preparar para o estudo do latim, outras gramáticas foram escritas, nos séculos posteriores e a obra “O verdadeiro método de estudar”, escrita em 1746, por Luís Antônio de Verney, visando à formação da elite, em uma linguagem pura e imaculada (ILARI e BASSO, 2014).

A gramática normativa tem finalidade pedagógica e não científica, a qual cabe enumerar o que é recomendado como modelo e exemplo em um idioma, para ser utilizado em ocasiões especiais do convívio social. Ou seja: “A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionários esclarecidos” (BECHARA, 2015, p. 54).

Se alguém é falante de uma língua, compreende por meio da razão e/ou das experiências individuais as regras gramaticais dessa língua. Portanto “não existe falante sem conhecimento de gramática” (ANTUNES, 2003, p. 86). Não discordamos deste fato, porém, o que também está em jogo quando se faz uso da língua em determinados contextos sociais são os conhecimentos formais adquiridos somados aos aspectos subjetivos na linguagem, à enunciação. Ao passar de locutor a sujeito, o usuário da língua marca-se no discurso, estabelecendo uma relação com o outro e com a língua.

A concordância verbal<sup>1</sup> é marcada pela subjetividade na linguagem, porque o indivíduo ao se expressar oralmente ou por escrito, na interação locutor/alocutor, deixa sua marca pessoal, que é definida pelo contexto do ato comunicativo, exposta nas palavras ou expressões linguísticas e no modo

---

<sup>1</sup> A concordância verbal é a adaptação da palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada. E verbo, segundo Bechara (2015, p. 222), é definido como “unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual o falar organiza seu significado lexical”.

como utiliza o tempo na concordância verbal. E a marca cultural do sujeito, o espaço, o tempo e a pessoa definirão as palavras que o falante utilizará.

Sobre o verbo na enunciação, referindo-se à estrutura das relações de pessoa no verbo, Benveniste (2005, p. 247) diz que: “O verbo é, como o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria de pessoa” e a categoria de pessoa pertence às noções fundamentais e necessárias ao verbo.

A noção de tempo na enunciação tratada por Benveniste é voltada exclusivamente para a vivência humana e identifica três tipos de tempo. O tempo físico (o tempo dos fatos), o tempo crônico (instituído pelo homem, como o calendário) e o tempo linguístico, que, de acordo com Benveniste, é organicamente ligado ao ato da fala, à função do discurso e apresenta como outro o presente da instância da fala.

O presente por ser parte integrante da enunciação, fundamenta as oposições temporais na língua e é referência para as marcas temporais do passado e futuro. É o único tempo inerente à língua e o passado e o futuro são marcas, não considerados tempo (FLORES, 2013). E no caso da subjetividade na linguagem, o seu eixo está na primeira pessoa do processo enunciativo e para o locutor falar de si mesmo, o tempo principal é o presente.

Segundo Fiorin (2016) o agora é um tempo em que *eu* toma a palavra, fazendo da organização linguística do tempo uma categoria egocêntrica, por colocar o *eu* no centro da enunciação. Lembrando que a temporalidade do enunciador é aceita como sua de enunciatário, ou seja: “o agora do enunciador é o agora do enunciatário” (FIORIN, 2016, p. 127). E de acordo com a teoria enunciativa de Benveniste, o tempo do discurso não é reportado nem às divisões do tempo crônico e nem fechado em uma subjetividade voltada para si mesma. Em síntese, o tempo linguístico se ordena em relação ao momento da enunciação e é gerado no discurso e o tempo verbal em torno dos pronomes que representam as pessoas.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

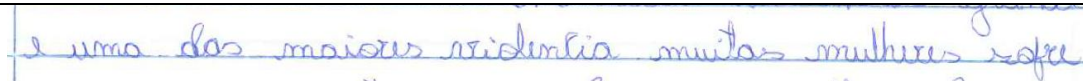
A produção textual analisada inicialmente teve como tema a gravidez na adolescência e nela localizamos as marcas do tempo e da subjetividade na linguagem, no emprego da concordância verbal, representadas pela dêixis pessoa (pronome pessoal **eu**) e tempo (advérbio de tempo **hoje**), e pelo tempo verbal da enunciação (o presente – penso).



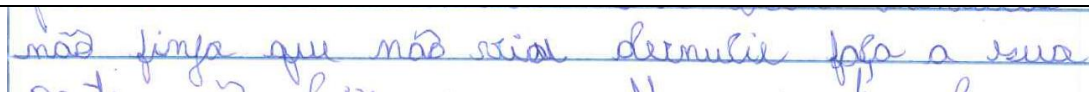
**Hoje Eu penso** como e muito (linha 01)

Ao iniciar sua dissertação, o estudante usou a dêixis advérbio de tempo *hoje*, marcando o tempo presente da enunciação, se constituiu como sujeito do seu enunciado, com a dêixis pronome pessoal *eu* e utilizou o tempo verbal da enunciação, conjugando o verbo pensar no presente do indicativo. Considerando que como dito por Benveniste (2005), quando o sujeito se marca no texto com *eu*, constitui o homem, ao buscar o seu lugar de enunciação e ao constituir a subjetividade que é fundamentada na intersubjetividade. O *eu* e o *tu* estão envolvidos na enunciação, porque é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito e esta condição depende do outro.

Na produção sobre o tema violência contra as mulheres, encontramos marcas da subjetividade na linguagem na passagem da fala para a escrita, na não concordância verbal e no emprego do tempo verbal.



(...) e uma das maiores violencias muitas mulheres **sofre** (linha 2)



não finja que não **viu** denuncie faça a sua (linha 11)

Os tempos verbais utilizados, nesta produção foram o presente, observado em quase toda produção e o passado observado na linha 11 no

trecho “não finja que não viu...”. Considerando que mesmo que o estudante tenha conjugado o verbo no passado o tempo da enunciação é o presente. Como visto em Lima e Barros (2017), através dos verbos, podemos examinar as marcas do sujeito na língua. O verbo e todas as suas categorias (aspecto, tempo, pessoa, gênero), quando parte integrante do discurso com *eu* ou *ele*, apresenta um modo significativo subjetivo ou objetivo. Significando que as categorias de tempo e espaço têm a mesma posição linguística e pertencem ao discurso.

Na análise dessas produções consideramos a subjetividade da linguagem, a intencionalidade do locutor (o estudante) e como ele se expressa oralmente. Lembrando que, o processo de construção do conhecimento da escrita, é influenciado pela oralidade, pelo que o aprendiz conhece sobre a língua falada. Porém, nem todo conhecimento da escrita é originário do conhecimento da língua falada, que se diferencia de grupo para grupo, distintos social, etário e geograficamente (SILVA, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o modo como o tempo é empregado na concordância verbal e os seus desvios são efeitos do funcionamento linguístico, ou seja, são marcas da subjetividade e da singularidade durante o percurso do estudante na aquisição da linguagem escrita.

Como pode ser observado na análise das produções que compuseram o corpus deste trabalho, as transgressões aos padrões gramaticais normativos e ortográficos da língua cometidos pelos estudantes podem ser concebidas como resultado do movimento singular do sujeito na linguagem.

As produções levam a supor que a subjetividade na linguagem está implicada no emprego do tempo na concordância verbal durante o processo de aquisição e construção do conhecimento gramatical do estudante.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. - 38 ed. Ver. Ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.  
\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

ENDRUWEIT, M. L. Análises da enunciação escrita. Porto Alegre – RS. **SITED**. p. 337 – 345, Set. 2010.

ENDRUWEIT, M. L. A teoria da enunciação e a escrita. **LETRAS HOJE**. Porto Alegre – RS. V. 39. N. 4, p, 89 – 96. Dezembro/2004.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3 ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FLORES, V. N. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009, 288p.

\_\_\_\_\_. **Enunciação gramática**. São Paulo: Contexto, 2013

\_\_\_\_\_. A **enunciação escrita** em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. Porto Alegre - RS – Brasil. **DELTA**. 34.1, P. 395 – 417, 2018

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, D. S.; BARROS, I.B.R. O homem na língua: o dialeto como índice de subjetividade e identidade cultural. **Desenredo**. v. 13. n. 1 p. 19 – 37 – jan./abr. 2017.

SILVA, S. É. C. da. Operações linguísticas o processo de aquisição da enunciação escrita. **Entretextos**. Londrina, v. 15, n. 2, p. 193 – 215, jul./dez. 2015.